

O Homem no Ano 2000

Alexandre Moniz

Sociedade Futura de Andalo

vida afectiva
Américo Baptista

origens, experiência e funções

Como humanos, para além de termos vida, sabemos que a temos, e, para a maioria de nós, se nos inquirem a esse propósito, afirmaremos genuinamente que "gostamos de viver"!

Quando nos situamos em relação às outras espécies com quem partilhámos o planeta, verificamos que estamos geneticamente relacionados, de modo íntimo, com os outros primatas. As nossas sequências de DNA são iguais em, aproximadamente, 98% às de alguns símios, o que torna os humanos mais parecidos com os chimpanzés do que os chimpanzés com os gorilas (Conroy, 1997; Hoagland & Dodson, 1998; Jolly, 1999; Stanford, 1999). Estes 2% de DNA, que nos tornaram diferentes e nos levaram a seguir caminhos evolutivos separados nos últimos 6 milhões de anos, explicam o facto de nós sabermos que os símios vivem, mas não termos a certeza se eles sabem que vivem ou, mais importante ainda, do ponto de vista afectivo, se gostam ou não de viver. A vida afectiva e a consciência dos afectos talvez não sejam características exclusivamente humanas, mas é nos humanos, e nos hominóides de quem descendemos, que estas capacidades se desenvolveram de modo extraordinário (Allman, 2000; Gould & Gould, 1999; Hauser, 2000). Utilizando uma analogia gastronómica, nós, humanos, para além do acto de comer, sentimos e sabemos quando os alimentos têm bom paladar e podemos partilhar verbalmente, com quem quisermos, esta informação. A vida afectiva é, ou deveria ser, como uma boa refeição: confeccionada com os melhores ingredientes, temperada com as especiarias mais exóticas, de modo a sublinhar a qualidade e o paladar dos alimentos e, finalmente, desfrutada em conjunto com quem nos sentimos próximos.

emoção, sentimento e consciência

Tentando tornar simples o que é extraordinariamente complexo, vamos socorrer de António Damásio, que tem investigado e escrito extensamente sobre estas questões (Damásio, 1994; 2000). Considerou, de acordo com uma perspectiva que teve origem na obra de Darwin (1872), as



emoções como parte dos engenhos bio-reguladores com os quais vimos equipados para sobreviver, tendo, fundamentalmente, duas funções: a produção de reacções específicas em determinadas situações e a regulação do estado interno do organismo de modo a ser capaz de produzir, de modo rápido, essas reacções. As emoções não são, desta forma, um luxo dispensável, mas um componente de nível elevado dos mecanismos reguladores da vida, um colete de salvação ou um *kit* de sobrevivência: "as emoções fornecem automaticamente aos organismos comportamentos orientados para a sobrevivência" (Damásio, 2000, pág. 56). Perante a existência de ameaças as reacções automáticas são a fuga, a evitação ou a reacção de congelamento, mas, perante o que promove a sobrevivência, os automatismos são de sentido oposto, designadamente a procura do contacto e a proximidade. Apesar de Damásio (2000), tal como outros investigadores (Bradley & Lang, 2000; LeDoux, 1996; Ohman, 2000), reconhecer a impressionante eficácia dos aspectos automáticos e inconscientes das emoções, reconheceu, igualmente, as suas limitações, para seguidamente considerar as vantagens, as funções e a utilidade do seu reconhecimento e análise consciente. Distinguiu, assim, três estádios de processamento, ao longo de um contínuo, que designou por: *estado de emoção*, conjunto de disposições neuronais desencadeadas ou executadas não conscientemente; estado de sentimento, quando este padrão de respostas neuronais se transformam em imagens ou pensamentos; e, finalmente, quando o indivíduo tem acesso consciente a essas experiências, isto é, o *estado de sentimento* consciente. Estas distinções são relevantes, não só por corresponderem a experiências diferentes, como, também, por serem mediadas por diferentes circuitos neuronais. A representação perceptual de um estímulo e a avaliação do significado do mesmo são processados separadamente pelo cérebro, sendo o último mesmo mais rápido que o primeiro, isto é, decidimos o que é bom ou mau, agradável ou desagradável, antes de sabermos exactamente de que se trata (LeDoux, 1996). Outras distinções têm sido feitas na área do comportamento emocional, nomeadamente, as emoções foram consideradas como as descrições das sensações não observáveis directamente pelos outros, enquanto que os afectos, para além de poderem ser evocados pelo ambiente externo ou interno, incluem, também, componentes avaliativos (Johnston, 1999).

Para o presente trabalho, independentemente desta complexidade, é, apenas, importante reconhecer a consistência da expressão emocional em todas as culturas, o que as leva a serem universalmente reconhecidas (Ekman, 1993; Ekman & Friesen, 1971). É esta semelhança que faz com que a pintura, a escultura, a literatura, o cinema e a música, toda a arte, não tenham fronteiras (Dissanayake, 2000; Gombrich, 1984; Lock & Peters, 1999; Zeky, 1999). São, também, universais os prazeres e desprazeres relacionados com o romance, a sedução, a paixão, o casamento, o coito, a gravidez, o nascimento, a paternidade e a maternidade, o ciúme, a fidelidade, a traição, o divórcio, a menopausa e a morte. É isto que compõe a nossa vida afectiva.

paixão

Num dos suplementos do jornal do Expresso, de 7 de Outubro de 2000, descreveu-se a história pungente de um velho barão texano que, segundo rezavam as crónicas sociais, continuava sexualmente activo. J. Howard Marshall andava deprimido pela morte recente da sua mulher, Betty, e da sua amante de longa data, Dianna, que sucumbiu durante uma operação de *lifting*, fundamental para a sua profissão de bailarina de *topless*. Procurando animá-lo, o seu motorista, companheiro de longa data, sugeriu-lhe que fossem a um bar de *strip-tease*. Nessa noite, Anna Nicole Smith actuava e o milionário Marshall ficou embasbacado com os seus dotes. Foi o adeus às mágoas e o início de um namoro. Segundo foi testemunhado sob juramento em tribunal, ele declarava-se perdido de amores por ela, bajulando-a com prendas caras e prometendo-lhe metade da sua fortuna se casasse com ele. Recusando o epíteto de caçadora de fortunas, Anna afirmou ao juiz que tinha recusado vários pedidos de casamento e que só resolveu dar o Sim depois do velho magnata a ter apresentado com 3 apartamentos e mais de cem mil contos. Em 1994 realizou-se o casamento, ele tinha 89 anos e ela 27. Catorze meses depois Marshall finou-se, mais uma vez, segundo as crónicas sociais, feliz e contente, pelo menos com o último período da sua vida, mas sem nunca ter considerado a fonte desta alegria nos seus testamentos. Anna, que a partir daí passou a ser notícia com direito a

reportagem fotográfica de destaque numa enorme variedade de jornais e revistas, iniciou uma batalha jurídica que, ao que parece, a tornou numa das 200 mulheres mais ricas do mundo. O seu argumento baseou-se no seguinte: "J. Howard Marshall cortejou-me durante vários anos, pedindo-me que casasse com ele. Chamava-me a luz da sua vida. Era um homem rico e, naturalmente, queria ver o futuro da sua vida assegurado, tudo o que peço é que o desejo do meu marido seja honrado. Em toda a minha vida nunca ninguém tinha cuidado de mim, ele fez-lo, e eu amava-o por isso". Os jurados compadeceram-se e o juiz, que avaliou o amor partilhado entre Anna e Marshall, concluiu que ela não casou apenas por interesse. Estas, como outras descrições de histórias semelhantes da vida real, foram incorporadas na sabedoria popular pelo ditado "homem velho e mulher nova são filhos até à cova", e estão na base toda a indústria da denominada literatura cor de rosa ou do coração, sendo, com certeza, fruto do materialismo interesseiro típico da nossa cultura e da civilização ocidental.

Já afirmámos que as emoções, ou pelo menos a sua expressão e reconhecimento, são universais através das diversas culturas. Os atributos que as desencadeiam podem ser diferentes mas a emoção é a mesma. Para a paixão, em algumas culturas é valorizado o tamanho e forma das mamas, com a concomitante procura de cirurgias estéticas para valorizar estes órgãos. Noutras, como em África ou no Brasil, é valorizado o tamanho das ancas levando ao desenvolvimento de termos específicos para as designar, como no Brasil, ou ao aparecimento em determinadas etnias Africanas de mulheres capazes de acumular grandes depósitos de gordura abaixo da cintura, fenómeno que se designa por esteotopia (Hrdy, 1999; Low, 2000). A paixão é desencadeada, em muitas instâncias, à primeira vista, por uma parceira que mostre claros indícios de fertilidade, isto é, que seja jovem, com feições simétricas, que seja capaz de acumular gordura em determinadas partes do corpo e com a cintura francamente mais estreita que as ancas (Etcott, 1999; Singh, 1993; Singh & Young, 1995). A investigação psicológica a propósito dos padrões de beleza apenas confirmou o que a alta costura, as agências de modelos, o cinema e os programas de televisão já sabiam, a existência de números mágicos, como os 86-60-86, para desencadear emoções avassaladoras.


Esta visão da vida afectiva não parece, contudo, estar de acordo com a perspectiva romântica, desinteressada, nobre, inteligente e altruísta que temos do homem e da mulher contemporâneos. Mas, vejamos, por que é que temos emoções?

As funções das emoções

Vamos voltar à metáfora gastronómica, para compreender as emoções humanas, até porque a sabedoria popular nos ensina: "somos aquilo que comemos". Se perto da hora de uma refeição, em qualquer outro período de privação de alimentos, criarmos a imagem mental de uma iguaria suculenta sentiremos, como resposta, a sensação de água na boca e o desejo irresistível de satisfazer essa necessidade. Contudo, se a imagem mental criada for de um alimento que tenha provocado no passado problemas digestivos, após a sua ingestão ou de um alimento com cheiro desagradável, a sensação será completamente diferente, podendo chegar à reacção de nojo, mais uma vez com uma expressão facial universalmente reconhecida e com uma fisiologia que ajuda à expulsão do alimento ingerido (Capaldi, 1996; Kiple & Ornelas, 2000). Sem necessidade de um envolvimento consciente procuramos avidamente as receitas tradicionais da avozinha e rejeitamos, instintivamente, os cheiros e paladares desagradáveis. As emoções são, assim, tendências para a acção, que pensam por nós, sem nos darem muitas saídas. Em instâncias de nojo, o vômito é imediato, no caso do medo, a fuga é automática, e no amor, a procura de proximidade é contínua. As emoções levam-nos a aproximar ou a evitar o que promove, ou promoveu, a sobrevivência e a facilitar a passagem das cópias dos nossos genes para as gerações futuras (Bradley & Lang, 2000; Burnham & Phelan, 2000; Johnston, 1999; Ohman, Flykt & Lundqvist, 2000).

Vejamos o que seria o nosso funcionamento psicológico se não tivéssemos emoções. Na sua autobiografia Darwin descreveu o processo por que passou quando pensou em casar com Emma Edgewood (Barlow, 1969). De acordo com a sua crença nas capacidades analíticas da mente humana, ponderou e pesou, de modo prolongado, as





vantagens e inconvenientes do celibato e do casamento, e tomou a decisão que oensou ditada pela sua racionalidade. É esta a percepção que temos do nosso comportamento. Consideramo-nos seres especiais, a nossa vaidade criou a designação com que nos rotulamos: *homo sapiens sapiens*. Mas analisemos o dilema de Darwin, tal como o de qualquer jovem de hoje, em idade casadoira, educado de acordo com o primado da racionalidade. Esse jovem deverá procurar no seu ambiente social o maior número de parceiras possíveis, conhecer bem os seus modos típicos de reacção, avaliar metodicamente as suas qualidades e defeitos, e pesar criteriosamente os prós e os contras do casamento. Como jovem, orgulhoso de viver no século XXI, conhecerá, com certeza em detalhe, o genoma das suas eventuais parceiras e, na posse de toda esta relevante informação, construirá uma base de dados informática que o ajudará a tomar a decisão final, a seu ver a mais correcta. Com todos estes desejáveis cuidados, e com todos os recursos actualmente ao seu dispor, o nosso jovem dividirá o seu tempo entre os *sites* de conversação na *net* e os locais de encontro com as eventuais parceiras, cyber-cafés, discotecas, esplanadas e cantina da Universidade. Deste modo, a tarefa nunca terá fim e, com uma probabilidade muito elevada, alguém que funcione desta maneira terminará a vida sem partilhar o seu DNA com outro indivíduo do sexo oposto, não ficando, assim, vestígios seus para as gerações que se irão seguir.

Não somos descendentes deste tipo de antepassados indecisos (Buss, 1999; Cartwright, 2000). Ao contrário, os nossos pais, avós e todos os outros antes deles, foram aqueles que na procura de um parceiro, ou mesmo sem estarem à procura dele, se sentiram invadidos por uma emoção intensa e arrasadora, que interrompeu e se tornou prioritária em relação às tarefas que estavam a desempenhar, que os impediu de pensar e de continuar a procura (Cosmides & Tooby, 2000). A cultura designa este estado por paixão, na forma mais aguda, por amor à primeira vista e as razões para este estado, motivos que a nossa racionalidade impõe, são apenas as mais belas fontes de inspiração dos artistas. São, na maior parte das instâncias, especialmente na fase inicial, desencadeadas involuntariamente e inacessíveis à consciência, apesar de quando conscientes poderem, com dificuldade, ser modificadas.

o corte

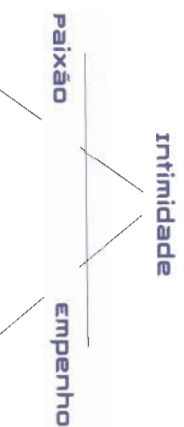
Este estado impele-nos a fazer as maiores loucuras para tentar demonstrar o nosso estado afectivo à pessoa amada. Seguem-se um conjunto de comportamentos bizarros, de chamada de atenção, de oferendas e, até, de sacrifícios pessoais. Do ponto de vista do comportamento verbal, seremos capazes de dizer coisas inimagináveis. Felizmente que os poetas e os músicos dão coerência e beleza a estes discursos estranhos, na maioria das vezes, completamente fora da realidade. Qualquer semelhança destes comportamentos com as cantadas dos pássaros, as demonstrações da cauda dos pavões e a agressividade entre os machos da mesma espécie perante as fêmeas na época de acasalamento são ideias que apenas passam na mente dos Darwinistas comportamentais (Miller, 2000; Wallin, Merker & Brown, 2000; Wilson, 2000).

A emoção é forte, quase insuportável, levando o indivíduo a um estado de alerta permanente, de medo de rejeição, de atenção concentrada no objecto do desejo, de êxtase e, invariavelmente, a descrever-se e, por vezes, a comportar-se como "lucamente apaixonado" (Tenenov, 1997). Provavelmente, este estado só pode ser compreendido pelas funções que desempenhou durante a evolução, a atracção irresistível por um parceiro não geneticamente relacionado, que se pode designar por "efeito de Romeu e Julieta".

o amor apaixonado ao amor companheiro

Como tudo na vida, as emoções mudam. A lei de Murphy à propósito do amor postula: "o amor é eterno, enquanto dura". Os psicólogos afirmam que a vida afectiva é dinâmica, como se a estrutura dos solos fosse estável. A força avassaladora da paixão suaviza com o tempo, deixando de ter o carácter de urgência inadiável, para passar a ser um afecto suave, agradável, sem sofrimento, de partilha, de confiança, de resolução de problemas, isto é, passa de *amor apaixonado*, um estado agudo, para *amor companheiro*, uma situação crónica, um traço (Hatfield & Rapson, 1996). Na Grécia antiga, por exemplo, não existia uma palavra para o amor, existiam duas: Eros e Agape.

Desde que Zick Rubin (1973) introduziu na literatura psicológica as distinções entre *gostar* e *amar* e desenvolveu, pela primeira vez, modos válidos e fidedignos para quantificação destes fenómenos que a investigação a este propósito se desenvolveu (Pope, 1980; Sternberg & Barnes, 1988) e deu origem a novas e mais criativas formulações (Sternberg, 1998). O amor é, hoje, considerado como um constructo multidimensional em que as várias dimensões se podem combinar formando categorias, tipologias ou estilos amorosos. Uma das tipologias mais utilizadas foi desenvolvida por um sociólogo Canadiano (Lee, 1973) que desenvolveu o seu modelo a partir da estrutura e organização das cores. Considerou a existência de três estilos de amor primários, *Eros*, o amor apaixonado, *Ludus*, o amor para prazer mutuo, sem compromisso e *Storge*, o amor seguro e companheiro. A combinação destes estilos formam, por sua vez, três estilos secundários, *Pragma*, o amor prático e pragmático, *Mania*, o amor possessivo e dependente, e *Ágape*, o estilo mais raro, apenas preocupado com o bem estar do parceiro (Hendrick & Hendrick, 1992).



Outra abordagem com grande valor heurístico foi a proposta por Sternberg (1986), designada por teoria triangular do amor, por considerar que este pode ser definido por três componentes correspondentes aos três vértices de um triângulo. De acordo com esta formulação, os componentes são: a *intimidade*, considerada como o investimento emocional, a *paixão*, como o componente motivacional e o *empenho*, como o componente cognitivo, a decisão de manter o relacionamento, apresentados na Figura 1. Das diversas combinações destas três dimensões foi desenvolvida uma taxonomia de sete tipos amor, apresentados na Tabela 1. O *amor consumado*, em que se incluem todas as dimensões, a

intimidade, a *paixão* e o *empenho*, o *amor romântico* em que predomina a *intimidade* e a *paixão*; o *amor companheiro*, composto por ligação e *intimidade*, o *amor infatuado* onde existe a *paixão*, o *amor fátuo*, onde existe *paixão* e *empenho*, o *amor vazio* apenas relacionado com o *empenho* e, finalmente, o *gostar* onde predomina a *intimidade* (Sternberg, 1998a)

Tabela 1

Taxonomia dos tipos de amor

Tipo de Amor	Intimidade	Paixão	Empenho
Ausência	-	-	-
Gostar	+	-	-
Amor infatuado	-	+	-
Amor vazio	-	-	+
Amor romântico	+	+	-
Amor companheiro	+	-	+
Amor fátuo	-	+	+
Amor consumado	+	+	+

Nota: + componente presente; - componente ausente. Tipos de amor baseados na teoria triangular do amor.

a afectividade negativa

Mas a vida afectiva não se compõe apenas de emoções de valência positiva. Uma das figuras de maior nomeada nos tratamentos psicológicos actuais para as perturbações emocionais, Aaron T. Beck, elaborou um modelo psicológico e um modo de intervenção, designados por psicoterapia cognitiva, que foram, inicialmente, desenvolvidos a partir do tratamento da depressão (Beck, 1967). Depois de estabelecidos, nesta emoção, foram generalizados para a ansiedade (Beck, 1985) e, de acordo com as suas palavras, faltava-lhe estudar a terceira emoção negativa, a hostilidade. Mas, se para encontrar indivíduos deprimidos e ansiosos a clínica hospitalar era suficiente, o recrutamento de sujeitos com altos níveis de hostilidade para estudo apresentou-se problemático. Como clínico e investigador de excepção resolveu o problema com a maior elegância começando a estudar os casamentos dos seus colegas,

amigos ou conhecidos, que se disponibilizaram, e escreveu um livro com o título sugestivo de "*Love is never enough*" (Beck, 1988). Como todos os que estiveram envolvidos em relações amorosas sabem, "o amor é um jardim, por vezes, frequentado por serpentes" (Buss, 2000). Pelas mais diversas razões, "o amor nunca é suficiente" e o juramento solene "juntos até que a morte nos separe ..." na saúde e na doença ... na riqueza e na pobreza" ou "não separe o homem aquilo que Deus uniu" é quebrado. Em Portugal acontece com muita frequência. Segundo os dados do Instituto Nacional de Estatística, relativos ao primeiro trimestre do ano 2000, celebraram-se 8478 casamentos, mas o número de divórcios, no mesmo período, foi de 4550. Felizmente, segundo a frieza dos dados estatísticos, estes números indicavam uma diminuição de 4,3% na taxa de divórcios, face ao período homólogo do ano anterior, <http://www.ine.pt>. Isto não parece ser uma particularidade portuguesa uma vez que as estatísticas disponíveis indicam números semelhantes noutros países. Por exemplo, 67% dos casamentos nos Estados Unidos terminam em divórcio, existindo, igualmente, indicações que este número está a aumentar (Gottman, 1994). Com ou sem motivos, a hostilidade é frequente nas interações entre casais, sendo o ciúme um dos principais agentes tóxicos para a estabilidade emocional e manutenção dos casais (Buss, 2000).

Mais frequentemente do que o desejável, os padrões negativos de interacção levam a comportamentos descontrolados, ao abuso físico, por vezes ao abuso sexual, por parte do parceiro mais forte, com consequências devastadoras, psicológicas e físicas, para o parceiro injuriado (Daly & Wilson, 1996; Smutt, 1996; Thornhill & Palmer, 2000).

Mas uma tentativa de compreensão global da vida afectiva não se pode limitar às características dos parceiros. O ambiente social é, também, de particular importância. O melhor predictor para o estabelecimento de relações afectivas é a proximidade, que quer única e simplesmente dizer que desenvolvemos afectos intensos com quem estamos em contacto próximo e prolongado. Como é natural, acontece com maior frequência no local onde permanecemos mais tempo, actualmente, tanto no local de trabalho como na discoteca. Na maioria das instâncias, sem qualquer ideia pré-concebida ou envolvimento consciente, afectos intensos desenvolvem-se e surpreendem-nos. Esta variável é um dos

poucos predictores consistentes para o estabelecimento das relações amorosas (Sternberg, 1998b). Apesar de Portugal ser um país pequeno, alguém que viva em Sagres dificilmente se apaixonará por quem resida em Viana do Castelo. Podemos desenvolver preferências por um processo simples que os psicólogos sociais designam por efeito de mera exposição (Zajonc, 1968).

A vida afectiva entre pessoas de sexos diferentes proporciona um dos maiores prazeres da existência. Não é, por isso, de admirar a quantidade de produtos que actualmente existem para criar mais valias a este propósito. A mais velha profissão do mundo tem actualmente roupagens novas (Bullough & Bullough, 1987). O turismo sexual com guias para todos os gostos, mesmo para os social e legalmente sancionados, o *strip-tease* masculino e os sites eróticos na internet são indícios do que o sexo para ganhar dinheiro pode vir a desenvolver. Mas, se existem aspectos negativos, como o conflito, a discussão, a chantagem, a coerção, a violência, o abuso e a prostituição, a vida afectiva do casal proporciona um dos prazeres supremos da existência: a paternidade e a maternidade, a gestação, o nascimento e a contribuição para a sobrevivência de um novo ser. Impressionante, é algo que nos torna semelhantes aos seres que mais admiramos e veneramos, os Deuses. Possuímos, também, a capacidade de criar Vida e de promover a imortalidade, pelo menos de uma parte de nós, as nossas moléculas de DNA.

As consequências da paixão

Esta última capacidade foi consagrada no livro da excelência, dos feitos únicos, da espécie humana, o Guinness Book of World Records (McWhirter & McWhirter, 1975). O imperador de Marrocos, Moulay Ismail, o sanguinário, o chefe índio Yanomano, o tibia, e o velho Clifford Harris, de Hudson, Maine, tiveram respectivamente 888, 43 e 32 descendentes directos (Eimon, 1998; Hrdy, 1999a; Vézrome, 1974). Como a Mãe Natureza não oferece nada de modo gratuito, estes super-homens perderam, dado o tamanho da sua prole, e os esforços contínuos para a ampliar, o prazer da educação dos seus descendentes.

A educação dos descendentes, o processo da formação e desenvolvi-

mento de um novo ser, é um dos aspectos mais gratificantes da vida afectiva. Não irá fazer crescer a paixão no casal, quando ela naturalmente enfraquece com o sopro da passagem do tempo, mas é, com certeza, um novo alimento afectivo, o desenvolvimento de interesses comuns, fundamental para o amor companheiro. Também neste aspecto os 2% de genes que nos diferenciam dos outros primatas têm uma importância fundamental. A maior dimensão do cérebro nos humanos obriga a uma duração cada vez maior do período de **socialização** para que esta víscera fique adequadamente programada. Para além da infância, ao cuidado da família nuclear, mãe e pai, são necessários, actualmente, 12 anos de escolaridade, mais 5 para a Licenciatura, 2 para o Mestrado e, pelo menos, 5 para o Doutoramento. Ao contrário dos chimpanzés e dos gorilas em que o macho, para além da cópula e da alimentação da fêmea nos períodos da corte, pouco investimento faz nos seus descendentes, nos humanos o prazer da paternidade foi fundamental para a sobrevivência da espécie. O período prolongado de socialização que necessitamos faz com que esta tarefa não possa apenas ser desempenhada pelas mães. Mais uma vez, sobreviveram, mais e melhor, os descendentes que foram cuidados pela mãe e pelo pai. É nesta perspectiva evolutiva da natureza humana que pensamos poder encontrar algumas respostas para os mistérios da mente e, em particular, da vida afectiva (Cartwright, 2000; Johnston, 1999). O pai que não sentiu um afecto intenso e agradável que o obrigou a ajudar os seus descendentes não promoveu a manutenção do seu DNA através das gerações. Temos vida afectiva porque as emoções nos ajudaram a lidar com sucesso com os desafios que tivemos que enfrentar durante a nossa história ancestral. Sem nunca reduzir o pensamento e a cultura à biologia e à genética, consideramos que o pensamento e a cultura se baseiam, estiveram e estão dependentes, em última instância, de aspectos básicos da biologia. Citando novamente um título brilhante de um capítulo de um dos livros de António Damásio (1994) "no body, never mind", isto é, sem corpo não há mente.

Esta perspectiva de compreensão da natureza humana baseada na teoria evolutiva, abre novos caminhos na compreensão da mente e das experiências emocionais segundo a mesma lógica utilizada para compreensão das estruturas do corpo.

darwinismo comportamental: que futuro?

Vejamos por exemplo, porque é que os homens têm um pénis? Não é, com certeza, para os urologistas, os andrologistas e os sexólogos ganharem a vida. Um órgão tão complexo como este traz, como todos sabemos, imensos problemas, disfunções e sofrimento. É enorme a quantidade de desarranjos que os circuitos complexos que medeiam o seu funcionamento permitem. Por exemplo, uma tribo de índios da Amazônia, os Mehinaku, contém na sua linguagem vários termos para se referir aos problemas de erecção como: "pénis cansado", "pénis envergonhado" e "pénis morto". Nesta tribo as dificuldades erécteis são alvo de reconhecimento e falatório público e, mais ameaçador ainda, motivo, socialmente aceitável, para serem abandonados pelas suas parceiras. Como tal, foram também desenvolvidos e aplicados, pelo menos, sete tratamentos para voltar a tornar o "pénis zangado". A abordagem terapêutica varia, mas consiste basicamente na massagem do pénis de encontro a diversos animais ou plantas com estruturas compridas, rígidas e flexíveis como o peixe agulha, o pescoço da tartaruga, o tronco de bambu ou métodos mais elaborados como o "sopro mágico" em que o pénis é soprado pelo terapeuta enquanto são entoados cantos mágicos (Gregor, 1985).

O pénis humano é o mais comprido, grosso e flexível entre os primatas, apesar de alguns deles terem maior porte que os humanos (Baker & Bellis, 1995; Diamond, 1997; Miller, 2000). Não apresentando as vantagens da coloração que outros primatas orgulhosamente ostentam, ou, como algumas espécies de cobras, que possuem este órgão em duplicado (Birkhead, 2000), o pénis é, sem dúvida, excessivo para as funções que tem de desempenhar, a expulsão da urina e a entrega do esperma (Miller, 2000). Qualquer que seja a nossa posição em relação à origem das espécies e das suas estruturas, este magnífico órgão deveria, para os Criacionistas, ter sido desenvolvido à imagem e semelhança do de Deus e, para os Evolucionistas, a Mãe Natureza deveria seleccionar os organismos com um pénis francamente mais simples, que, como em todos os outros animais, estivesse sujeito a menos possibilidades de mau funcionamento, por exemplo, um osso como existe nos macacos. A solução deste e de outros enigmas, pelo menos para as estruturas

biológicas, tem sido feita pela aplicação dos princípios da biologia evolutiva (Diamond, 1997; Winterbottom, Burke & Birkhead, 1999). Em relação ao comportamento, experiência e mente humana, apenas na segunda metade do século XX se começaram a aplicar sistematicamente estes princípios à sua compreensão (Buss, 1999; Cartwright, 2000; Clark & Grunstein, 2000), principalmente após a publicação do que é considerado o primeiro tratado de psicologia evolutiva (Symons, 1979), apesar de James Baldwin, em 1909, ter considerado a selecção natural, não apenas como uma lei da biologia, mas uma lei das ciências da vida e da mente. Provavelmente, se fosse feita uma sondagem, a maioria dos habitantes humanos do planeta Terra afirmariam acreditar mais na existência de extraterrestres que na teoria evolutiva, de acordo com os princípios propostos por Darwin (1859).

Antes de Copérnico e Galileu acreditávamos que vivíamos no centro do Universo, num mundo especialmente criado para nós. Demorámos a aceitar que o Sol não gira em torno da Terra e que vivemos num planetamicroscópico à escala do Universo, uma ideia perigosa, pelo menos, para quem teve o arrojo de a divulgar. Depois de um século e meio após a primeira formulação plausível para as diferentes espécies, que apenas explica a modificação, e não a génese da vida (Kauffman, 2000), esta é aceite com alguma relutância, à falta de outra explicação racionalmente credível. Contudo, que o pensamento ou que o cérebro estejam dependentes de processos darwinianos é, ainda hoje, considerado uma ideia perigosa (Dennett, 1995). Mas, se o corpo humano foi moldado pelas pressões ambientais da história evolutiva, parece razoável podermos aceitar que as estruturas biológicas que suportam o pensamento, o comportamento, as emoções e, de um modo geral, a mente também tenham sido seleccionadas de modo semelhante. Se os genes são as instruções para produzir proteínas armazenadas nas células do corpo, transmitidas pela reprodução, os memes são as instruções para executar determinados comportamentos, arquivados no cérebro, transmitidos por imitação. A explicação da diversidade biológica pelo processo de selecção natural tornou-se, igualmente, a explicação da diversidade do comportamento, da mente e da cultura (Blackmore, 1999; Carruthers & Chamberlain, 2000; Dawkins, 1976; Dunbar, Knight, & Power, 1999; Knight, 1991; Mithen, 1996; Worden, 2000). Por mais elevada que seja a

função, como por exemplo a consciência, não parece escapar à lógica evolutiva das outras estruturas consideradas mais básicas: "ser humano de mente e de cérebro parece claramente ser o resultado de um processo evolutivo" afirmou o laureado com o prémio Nobel Gerald Edelman, pág. 81 (Edelman & Tononi, 2000).

Foi apresentado neste trabalho uma abordagem da vida afectiva, de acordo com um modelo evolutivo, baseado na selecção natural e sexual, tendo como suporte os princípios da biologia evolutiva e da psicologia cognitiva, tal como já efectuamos para os aspectos desenvolvimentais dos medos e da ansiedade (Baptista, 2000), da depressão (Baptista, 2000a) e para o comportamento dos espectadores e atletas (Baptista, no prelo). Quando Darwin (1859) apresentou a teoria da evolução, fê-lo a partir da observação das estruturas das plantas e dos animais, e concluiu que estas mudavam de geração em geração, sem um plano director, sem finalidades previamente estabelecidas, mas de acordo com regras previsíveis. Os seus argumentos basearam-se em três requerimentos simples: a existência de variação, todos somos diferentes; a selecção, algumas dessas variações são mais adequadas em determinados contextos; e, a hereditariedade, a transmissão das características mais adequadas aos descendentes. Apesar de simples foram considerados como as ideias mais belas na ciência (Blackmore, 1999). Posteriormente, os biólogos mostraram que o mesmo tipo de raciocínio se podia aplicar, não só às estruturas anatómicas, mas também à fisiologia e à bioquímica, isto é, estas características também se adaptavam e evoluíam de acordo com as condições ambientais (Diamond, 1997). Demorou mais tempo a efectuar a aplicação destes princípios ao comportamento social e à mente, mas também estes parecem obedecer às mesmas leis. A mente também se adaptou e evoluiu de modo a maximizar a sobrevivência do indivíduo e promover as cópias dos seus genes nas gerações futuras.

É difícil aceitar que o comportamento humano obedece a esta lógica, nomeadamente quando atinge os padrões de excelência como no caso dos grandes escritores e artistas ou de qualquer outro criador (Sternberg, 1999). Tudo se torna ainda mais complexo quando nos referimos ao comportamento emocional ou às instâncias em que as emoções são partilhadas por duas pessoas, por vezes de modo dramático

como para Romeu e Julieta, Nicolau e Alexandra da Rússia, Humphrey Bogart e Laureen Bacall, Dali e Gata, Bill e Hillary Clinton ou que as cartas da Soror Mariana obedecem à lógica evolutiva. Contudo, de acordo com o estado actual do conhecimento, é difícil encontrar outro modelo alternativo para o explicar a génese, a experiência e as funções das emoções que estruturam e compõem a nossa vida afectiva. Estamos pré-programados para experimentar emoções, para amar, mas, sem um plano previamente estabelecido, é o ambiente social e os acasos do percurso de vida, o livre arbítrio, a responsabilidade individual, que determinam, tanto o objecto do desejo, como, a decisão de permanecer ligado quando o desejo deixa de ditar as suas leis e se torna menos imperioso.

Allman, J. (2000). *Evolving brains*. New York: Scientific American Library.

Baker, R. R. & Bellis, M. A. (1995). *Human sperm competition*. Copulation, masturbation and infidelity. London: Chapman & Hall.

Baldwin, J. (1909). *Darwin and the humanities*. Baltimore: Review Publishing.

Baptista, A. (2000). Perturbações do medo e da ansiedade: Uma perspectiva evolutiva e desenvolvimental. In I. Soares (eds). *Psicopatologia do desenvolvimento: Trajectórias (in)adaptativas ao longo da vida*. Coimbra: Quarteto.

Baptista, A. (2000a). A depressão. Contribuições da Medicina Darwiniana e da Psicologia Evolutiva. Comunicação apresentada às I Jornadas de Psiquiatria dos Internos do Hospital Júlio de Matos e Hospital de Santa Maria

Baptista, A. (No prelo). *Atletas, espectadores e grupos de suporte. Racionalidade e emocionalidade*.

Blackmore, S. (1999). *The meme machine*. Oxford: Oxford University Press.

Beck, A. T. (1967). *Depression. Clinical, experimental and theoretical aspects*. New York: Harper & Row.

Beck, A. T. (1985). *Anxiety disorders and phobias. A cognitive perspective*. New York: Basic Books.

Beck, A. T. (1988). *Love is never enough*. New York: Harper & Row.

Birkhead, T. (2000). *Promiscuity. An evolutionary history of sperm competition and sexual conflict*. London: Faber & Faber.

Bradley, M. & Lang, P. J. (2000). *Measuring emotion: Behavior, feeling, and physiology*. In R. D. Lane & L. Nadel (Eds). *Cognitive neuroscience of emotion*. New York: Oxford University Press.

Bulough, V. & Bulough, B. (1987). *Women and prostitution. A social history*. New York: Prometheus Books.

Burnham, T. & Phelan, J. (2000). *Mean genes. From sex to money to food. Taming our primal instincts*. London: Simon & Schuster.

Buss, D. (1999). *Evolutionary psychology. The science of the mind*. Boston: Allyn & Bacon.

Buss, D. (2000). *The dangerous passion. Why jealousy is as necessary as love and sex*. New York: The Free Press.

Capaldi, E. D. (1996). *Why we eat what we eat. The psychology of eating*. Washington: American Psychological Association.

Carruthers, P. & Chamberlain, A. (2000). *Evolution and the human mind. Modularity, language and meta-cognition*. Cambridge: Cambridge University Press.

Cartwright, J. (2000). *Evolution and human behaviour. Darwinian perspectives on the human nature*. London: Macmillan.

Clark W. R. & Grunstein, M. (2000). *Are we harwired? The role of genes in human behavior*. Oxford: Oxford University Press.

Conroy, G. C. (1997). *Reconstructing human origins. A modern synthesis*. New York: W. Norton.

Cooper, A. (2000). Cybersex. The dark side of the force. A special issue of the *Journal Sexual Addiction & Compulsivity*.

Cosmides, L. & Tooby, J. (2000). *Evolutionary psychology and the emotions*. In M. Lewis & J. M. Haviland-Jones (Eds) *Handbook of emotions* 2nd ed. New York: Guilford.

Daly, M. & Wilson, M. (1996). *Evolutionary psychology and marital conflict*. In D. M. Buss & N. M. Malamuth (Eds.) *Sex, power, conflict. Evolutionary and feminist perspectives*. Oxford: Oxford University Press.

Damásio, A. R. (1994). *Descartes' error. Emotion reason and human brain*. New York: Putnam.

Damásio, A. R. (2000). *The feeling of what happens. Body and emotion in the making of consciousness*. New York: Harcourt.

Darwin, C. (1859). *On the origin of species by means of natural selection*. London: John Murray.

Darwin, C. (1872). *The expression of the emotions in man and animals*. London: John Murray.

Darwin C. (1969). *The autobiography of Charles Darwin, 1809-1882*. Edited by N. Barlow. New York: Norton (Original work published in 1887).

Dawkins, R. (1976). *The selfish gene. Oxford: Oxford University Press*.

- Dennett, D. (1995). *Darwin's dangerous idea*. London: Penguin.
- Diamond, J. (1997). *Why is sex fun? The evolution of human sexuality*. New York: Basic Books.
- Dissanayake, E. (2000). *Art and intimacy. How the arts began*. Seattle: University of Washington Press.
- Dunbar, R., Knight, C. & Power, C. (1999). *The evolution of culture*. New Jersey: Rutgers University Press.
- Eadlemen, G. M. & Tononi, G. (2000). New York: Basic Books.
- Elinor, D. (1996). How many children can a man? *Evolution and Human Behavior*, 19, 413-426.
- Ekman, P. (1993). Facial expression and emotion. *American Psychologist*, 48, 384-392.
- Ekman, P. & Friesen, W. V. (1971). Constants across culture in the face and emotion. *Journal of Personality and Social Psychology*, 17, 124-129.
- Etcoff, N. (1999). *Survival of the prettiest. The science of beauty*. New York: Doubleday.
- Gombrich, E. H. (1984). *The sense of order. A study in the psychology of decorative art*. London: Phaidon Press.
- Gottman, J. (1994). *What predicts divorce*. New Jersey: Erlbaum.
- Gould, J. L. & Gould, C. G. (1999). *The animal mind*. New York: Scientific American Library.
- Gregor, T. (1985). *Anxious pleasures: The sexual lives of an Amazonian people*. Chicago: University of Chicago Press.
- Hatfield, E. & Rapson, R. L. (1996). *Love and sex. Cross-cultural perspectives*. Boston: Allyn & Bacon.
- Hauser, M. D. (2000). *Wild minds. What animals really think*. New York: Henry Holt & Company.
- Hendrick, S. S. & Hendrick, C. (1992). *Romantic love*. London: Sage.
- Hoagland, M. & Dodson, B. (1998). *The way life works. The science lover's illustrated guide to how life grows, develops, reproduces, and gets along*. New York: Random House.
- Hrdy, S. B. (1999). *Mother nature. Maternal instincts and how they shape the human species*. New York: Ballantine Books.
- Hrdy, S. B. (1999a). *The woman that never evolved*. Cambridge: Harvard University Press.
- Jolly, A. (1999). *Lucy's legacy. Sex and intelligence in human evolution*. Cambridge: Harvard University Press.
- Johnston, V. S. (1999). *Why we feel. The science of human emotions*. Massachusetts: Perseus Books.
- Kaufman, S. (2000). *Investigations*. Oxford: Oxford University Press.
- Kiple, K. F. & Ornelas, K. C. (2000). *The Cambridge world history of food*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Knight, C. D. (1991). *Blood relations. Menstruation and the origins of culture*. New Haven: Yale University Press.
- Lee, J. A. (1973). *The colors of love: An exploration of ways of loving*. Ontario: New Press.
- LeDoux, J. (1998). *The emotional brain. The mysterious underpinnings of emotional life*. London: Weidenfeld & Nicholson.
- Lock, A. & Peters, C. R. (1999). *Handbook of human symbolic evolution*. Oxford: Blackwell.
- Low, B. S. (2000). *Why sex matters. A Darwin look at human behavior*. New Jersey: Princeton University Press.
- McWhirter, N. & McWhirter, R. (1975). *Guinness Book of World Records*. New York: Sterling.
- Mithen, S. (1996). *The prehistory of the mind*. London: Thames and Hudson.
- Miller, G. F. (2000). *The mating mind. How sexual choice shaped the evolution of human nature*. New York: Doubleday.
- Pope, K. S. (1980). *On love and liking. Psychological perspectives on the nature and experience of romantic love*. London: Jossey-Bass Publishers.
- Rubin, Z. (1973). *Loving and liking. An invitation to social psychology*. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- Ohman, A. (2000). Fear and anxiety: Evolutionary, cognitive and clinical perspectives. In M. Lewis & J. M. Haviland (Eds.), *Handbook of emotions*. New York: Guilford.
- Ohman, A., Flykt, A. & Lundqvist, D. (2000). Unconscious emotion: Evolutionary perspectives, psychophysiological data, and neuropsychological mechanisms. In R. D. Lane & L. Nadel (Eds.), *Cognitive neuroscience of emotion*. New York: Oxford University Press.
- Singh, D. (1993). Adaptive significance of female physical attractiveness: Role of waist-to-hip ratio. *Journal of Personality and Social Psychology*, 65, 293-307.
- Singh, D. & Young, R. K. (1995). Body weight, waist-to-hip ratio on judgment of women's attractiveness. *Human Nature*, 6, 51-65.
- Smuts, B. (1996). Male aggression against women. An evolutionary perspective. In D. M. Buss & N. M. Malamuth (Eds.), *Sex, power, conflict. Evolutionary and feminist perspectives*. Oxford: Oxford University Press.
- Stanford, C. B. (1999). *The hunting apes. Meat eating and the origins of human behavior*. New Jersey: Princeton University Press.
- Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychological Review*, 93, 119-135.
- Sternberg, R. J. (1998). *Love is a story. A new theory of relationships*. New York: Oxford University Press.
- Sternberg, R. J. (1998a). *Cupid's arrow. The course of love through time*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Sternberg, R. J. (1998b). *In search of the human mind*. Orlando: Harcourt Brace & Company.
- Sternberg, R. J. (1999). *Handbook of creativity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Sternberg, R. J. & Barnes, M. L. (1988). *The psychology of love*. New Haven: Yale University Press.
- Symons, D. (1979). *The evolution of human sexuality*. Oxford: Oxford University Press.
- Tennov, D. (1999). *Love and limerance. The experience of being in love*. New York: Scarborough House.
- Thornhill, R. & Palmer, C. T. (2000). *A natural history of rape. Biological bases of sexual coercion*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology Press.

- Vérone, C. (1974). *Vie de Mouley Isma'il, roi de fès et de Maroc, d'après Joseph de Leon, 1708-1728*. Paris: Geuthner.
- Wallin, N. L., Merker, B. & Brown, S. (2000). *The origins of music*. Cambridge: Massachusetts University Press.
- Willson, E. O. (2000). *Sociobiology. The new synthesis. Twenty-fifth anniversary edition*. Cambridge: Harvard University Press.
- Winterbottom, M., Burke, T. & Birkhead, T. R. (1999). A stimulatory phallic organ in a weaver bird. *Nature*, 399, 28.
- Worden, R. P. (2000). Words, memes and language evolution. In C. Knight, M. Studdert-Kennedy & J. R. Hurford (Eds). *The evolutionary emergence of language. The social function and the origins of linguistic form*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Zeki, S. (1999). *Inner vision. An exploration of art and the brain*. Oxford: Oxford University Press.
- Zajonc, R. B. (1968). Attitudinal effects of mere exposure. *Journal of Personality and Social Psychology*, 9, 1-27.

Nota de Autor

Baseado em comunicação apresentada na Reunião da Sociedade Portuguesa de Andrologia: O Homem no Ano 2000, Matosinhos, 21 de Outubro de 2000.

Agradeco ao Dr. Paulo Sargento dos Santos a leitura deste trabalho, as inúmeras sugestões, a ajuda e constante disponibilidade para tornar mais clara a exposição de algumas ideias, mesma perante a adversidade dos efeitos secundários dos anti-histamínicos e dos carros que teinam em circular em sentido contrário.

Endereço para correspondência: Américo Baptista, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Departamento de Psicologia, Av. Campo Grande 376, 1749-024, Lisboa. E-mail: americo.baptista@ulusofona.pt

